

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2020

EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS: A CONSTITUIÇÃO DO SELF E A AÇÃO CRIATIVA EM DIFERENTES CONTEXTOS DO BRINCAR.

Ana Paula Sandes Galvão¹; Carlos César Barros²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

apaulag7@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

carlosbarros@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: educação; *self*; ação criativa.

INTRODUÇÃO

Esta proposta de trabalho teve como objetivo compreender a constituição do *self* a partir da ação criativa de crianças em contextos da brincadeira infantil, de forma a apreender informações que possam contribuir para tornar mais efetiva uma proposta de Educação para os direitos humanos. O referencial teórico se sustenta na produção de George Herbert Mead sobre a constituição do *self* na brincadeira (*play*) e no jogo (*game*) infantil, assim como na produção de Hans Joas sobre a criatividade na ação. Buscou-se, a partir desses teóricos, compreender as possibilidades de observação da construção do *self* na infância, a partir da brincadeira, compreendendo o agir criativo das crianças, buscando como resultado a viabilização de caminhos para uma educação aberta à experiência da diferença.

Nesse sentido, este trabalho busca responder à questão de como se forma a criança no seu brincar, como ela desenvolve o seu *self* a partir de relações com o meio colocando em prática a ação criativa. Tal indagação norteia o estudo e oferece a possibilidade de que reflitamos sobre o potencial emancipatório presente na constituição axiológica que acontece no brincar infantil.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Apesar de ter sido inicialmente pensado enquanto trabalho de natureza teórica e empírica, impedimentos à execução da parte prática levaram à reformulação da metodologia para que se adequasse à exclusiva investigação teórica.

Para revisão bibliográfica, o trabalho teórico foi orientado pela metodologia científica desenvolvida por Marconi e Lakatos (2006), com as seguintes etapas de produção: identificação da bibliografia em catálogos de editoras, bibliotecas e periódicos na Internet; análise de resumos e bibliografias das obras encontradas; localização das obras relevantes para a pesquisa; compilação; fichamento; análise e interpretação das mesmas. Debruçamo-nos a estudar o percurso traçado por Hans Joas para fundamentação de sua teoria da ação criativa, tal como os estudos de George Herbert Mead para compreensão

da constituição do *self* na infância, nos processos da linguagem, da brincadeira e do jogo.

Por mais que tenha faltado a oportunidade de utilizá-la como alternativa metodológica na prática, a abordagem etnometodológica desenvolvida por Harold Garfinkel (1917-2011) foi referência para a articulação com a visão de construção do *self* nas interações sociais de Mead. Neste mesmo sentido, a sociologia da infância de William Corsaro também pôde servir, ainda que não aplicada ao contexto prático, como alternativa de articulação com as construções acerca do brincar criativo na infância. A ênfase de Corsaro (2011) na “cultura de pares” que se estabelece na infância oferece a possibilidade de compreensão das crianças como agentes sociais ativos e criativos que realizam uma “reprodução interpretativa” do contexto cultural em que estão inseridas.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A proposta de educação voltada para os direitos humanos que dá norte aos aprofundamentos teóricos desta pesquisa parte principalmente de análise crítica da sociedade proposta pela terceira geração da escola de Frankfurt, em especial, de Axel Honneth (2003) e sua teoria do reconhecimento e Hans Joas (1996; 2017) em sua teoria da criatividade na ação. Estes teóricos propõem, ao contrário dos primeiros frankfurtianos, um retorno às contribuições do pragmatista americano George Herbert Mead para atualização da psicologia social proposta pelos primeiros Teóricos Críticos.

Sua proposta de psicologia social volta o olhar às experiências subjetivas particulares a cada indivíduo partindo do ponto de vista da sociedade e da construção de símbolos comuns, tomando a comunicação como fator essencial a esta ordem social (MORRIS, 2010). Mais do que isso: compreende que mesmo a interação da pessoa consigo é resultado das estruturas sociais de interação entre diferentes indivíduos (JOAS, 1997). Para categorizar tais idéias, Mead retorna ao conceito de gesto, enquanto símbolo significante. Na medida em que os respectivos participantes da interação se inserem neste “jogo de gestos”, este acontece reciprocamente e é continuado por constantes ajustamentos das respostas a partir das simbolizações realizadas. Mead (MORRIS, 2010) ainda explica que é no processo social – ou seja, nos processos em que um primeiro movimento evoca uma resposta em um outro, acionando outra resposta – que surge a linguagem. Esta última nada mais é do que esta interação entre símbolos significantes.

O autor ainda compreende que é na medida em que o indivíduo internaliza esse jogo simbólico que ele se torna capaz de elaborar uma autocompreensão de si, o seu *self*. Este se caracteriza por possuir duas dimensões: o “mim”, que corresponde à internalização das atitudes dos outros sobre si; e o “eu”, que guarda a espontaneidade do *self*, o confronto com as expectativas do “mim”.

O *self*, por sua vez, constitui-se na infância em processos que puderam ser apontados por Mead (MORRIS, 2010) em dois contextos/etapas: a brincadeira (*play*) e o jogo (*game*). Na brincadeira, vendo as pessoas com quem tem contato – como os pais, professores – e se relacionando e interagindo com estes outros, a criança passa a internalizar uma série de respostas a estímulos, assumidas por essas pessoas que representam papéis. Estes papéis são reproduzidos na brincadeira. No jogo, por sua vez,

a criança aprende a assumir o papel de todos os outros jogadores no processo (MORRIS, 2010).

O resgate das contribuições dos pragmatistas feito por Joas permite pensar como a constituição do *self* se dá pela ação criativa executada no brincar. Segundo o autor, a concepção pragmatista de criatividade se situa na própria compreensão pragmatista da ação humana: para eles, a ação fica presa entre a ação habitual não refletida e as ações de criatividade. Na medida em que as expectativas geradas acerca das ações habituais – análogas ao “mim” em Mead – são frustradas pelo surgimento de problemas reais no curso da ação, o indivíduo é levado a fazer o movimento de reconstruir sua ação assumindo uma postura criativa diante da situação – o que seria análogo à espontaneidade do *self*, localizada no “eu”. Cada reconstrução, segundo Joas, nada mais é que um movimento em direção à ampliação de novos horizontes de ação.

Considerando que as possíveis soluções encontradas serão internalizadas, a fim de que se tornem ações habituais, segundo o olhar de Mead a criança estaria constituindo o seu próprio *self* a partir dessa ação criativa. Seguindo essa lógica, a criação de regras no brincar ou no jogo para resolver problemas práticos, por exemplo, simboliza uma reação criativa das crianças frente a algum obstáculo no desenvolvimento da atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Os resultados encontrados a partir da proposta de psicologia social de Mead permitem uma atualização da tentativa dos primeiros representantes da Teoria Crítica, a partir de Joas e Honneth, de postular uma análise psicológica dos indivíduos na sociedade, levando em conta a importância das relações intersubjetivas para a gênese do *self* do indivíduo. Esta constituição pela intersubjetividade se dá pelo jogo de gestos, símbolos significantes, que são internalizados e dão origem à dimensão do *self* que Mead chama de “mim”, que assume as atitudes do Outro Generalizado para si. Ainda assim, o *self* possui sua dimensão espontânea, denominada por Mead de “eu”, que é o que, segundo Joas, capacita o indivíduo a agir criativamente diante de situações onde o que aparece no campo subjetivo do indivíduo não pode ser respondido com ações habituais. A constituição deste “mim” e deste “eu” na infância se dá nos contextos da brincadeira e do jogo, onde, ao mesmo tempo em que reproduz respostas a estímulos a partir dos contatos que passa a ter com o Outro, a criança também reage criativamente aos problemas que surgem no decorrer da atividade de brincar e jogar, no reconstruir das ações, expandindo os horizontes de ação e, neste processo, desenvolvendo sua própria personalidade.

REFERÊNCIAS

BARROS, C. Psicologia e Educação para os Direitos Humanos numa Perspectiva Crítica. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, 14, 2019, Campo Grande. Anais... 2020. 202-221.

CORSARO, W. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, F; CARVALHO, A.M. Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, outubro de 2009. Cap. 1, p. 31-50.

JOAS, H. Uma alternativa subestimada: a América e os limites da Teoria Crítica. Revista Ideação, n. 36, p. 85-100, jul-dez, 2017.

_____. The creativity of action. Cambridge: Polity Press, 1996.

GARFINKEL, H. Estudos de etnometodologia. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018

HONNETH, A. (1992). Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

MORRIS, C.W. (Org.). Mente, self e sociedade. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto, relatório, publicações e trabalhos científicos. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2006